

O papel da tradução na filosofia da ciência de Paul Feyerabend

The role of translation in Paul Feyerabend's philosophy of science

Cristina de Amorim Machado*

Já foi dito, e trata-se hoje em dia de ideia aceita, que uma tradução não diz respeito apenas a uma passagem entre duas línguas, mas entre duas culturas, ou duas enciclopédias.
- Umberto Eco, *Quase a mesma coisa*, p. 190

Resumo: Este artigo trata da questão da tradução na vida e obra do filósofo da ciência Paul Feyerabend (1924-1994), que chegou a exercer a profissão de tradutor nos anos 1950. Mesmo depois de se estabelecer como professor universitário, ele ainda se ocupou de traduções regularmente. A hipótese aqui aventada é que essa prática tradutória contribuiu para o encaminhamento que Feyerabend deu às questões da linguagem e interação entre culturas e tradições, como se pode ver no uso recorrente do conceito de tradução na construção do seu pluralismo global, sobretudo no que diz respeito à incomensurabilidade. Para dar conta dessa hipótese, será feita uma revisão dos seus livros à luz desse tema, bem como de alguns comentadores e da sua correspondência publicada. Este trabalho contribui não só para retirar a tradução da sua costumeira invisibilidade, mas sobretudo para o entendimento do papel da tradução na formação, na produção escrita e nas ideias de Feyerabend.

Palavras-chave: Feyerabend; tradução; pluralismo; incomensurabilidade.

Abstract: This paper addresses the issue of translation in the life and work of the philosopher of science Paul Feyerabend (1924-1994), who worked as a translator in the 1950s. Even after establishing himself as a university professor, he continued to engage regularly in translation. The hypothesis proposed here is that this translational practice contributed to the approach Feyerabend took to issues of language and the interaction

* Universidade Estadual de Maringá (UEM); e-mail: cristina_machado@yahoo.com; <https://orcid.org/0000-0001-5748-4235>.

between cultures and traditions, as seen in the recurring use of the concept of translation in the construction of his global pluralism, particularly concerning incommensurability. To support this hypothesis, his books will be reviewed in light of this theme, as well as some commentaries and his published correspondence. This work contributes not only to bringing translation out of its usual invisibility but, more importantly, to understanding the role of translation in the formation, written production, and ideas of Feyerabend.

Keywords: Feyerabend; translation; pluralism; incommensurability.

Introdução

Paul Feyerabend (1924-1994) nasceu, cresceu e se formou em Viena, mas viveu quatro décadas em países de língua inglesa, sobretudo nos Estados Unidos. Tendo isso em vista, sua relação com a língua alemã e com a cultura austríaca em particular não era nada simples, como ele declarou na sua autobiografia: “A cultura austríaca - seja isso o que for - afetou-me muito pouco. [...] O dialeto vienense me desagradava e eu falava alemão neutro ou alemão teatral com pronúncia prussiana.” (Feyerabend, 1996, p. 119). Por outro lado, a relação com a língua inglesa e a experiência norte-americana foram marcantes para o seu entendimento do conceito de cultura, tão caro ao desenvolvimento do pluralismo que encontramos na obra feyerabendiana. Em suas próprias palavras:

Eu preferia falar, escrever e pensar em inglês (ainda prefiro). Também preferia o ambiente multirracial em Berkeley - montes de rostos diferentes, montes de maneiras de ver o mundo. Quando me deslocava entre Berlim e Londres, eu me sentia em casa em Londres, não em Berlim. Ali era meu lugar, aquela a língua que eu queria falar (Feyerabend, 1996, p. 173-174).

Esse trânsito complexo entre as duas línguas/culturas, para além da questão do próprio sustento, levaram-no naturalmente à tradução, como levaram e ainda levam vários acadêmicos ao longo da sua formação. Alguns, inclusive, acabam dedicando boa parte de suas carreiras a essa atividade, que, apesar de normalmente invisibilizada (Venuti, 1995), anda de mãos dadas com a produção científica e em alguns momentos até se confunde com ela, como foi o caso dos enciclopedistas latinos na Roma Antiga ou dos movimentos de tradução em Bagdá e Toledo no medievo (Machado, 2012). Feyerabend,

portanto, não é exatamente uma exceção à regra, mas isso não significa que qualquer um que conheça duas línguas possa fazer tradução ou que tenha vocação para isso. O caráter polemista, curioso e problematizador dos usos da linguagem decerto lhe viabilizaram esse caminho. E, claro, ele fazia traduções porque precisava de dinheiro, como fica bem claro na troca de cartas com Karl Popper (1902-1994), para quem, como veremos em breve, Feyerabend trabalhou como tradutor nos anos 1950.

A questão da tradução na vida e na obra de Feyerabend vai muito além dessa experiência tradutória com Popper. Vai muito além até do caráter de reescrita frequente de seus próprios livros, às vezes com ocorrências de autotradução, constituindo uma autoria multifacetada, multilíngue e multicultural. Seu livro mais famoso, *Contra o método* (Feyerabend, 1977; 2007), é um exemplo trivial de reescrita com suas três edições, mas mesmo seus outros livros com uma só edição também podem ser entendidos como reescritos, como testemunha Grazia Borrini-Feyerabend no prefácio de *A conquista da abundância*, o livro inacabado de seu marido: “Constantemente ele revia e contestava o seu próprio trabalho anterior.” (Feyerabend, 2006, p. 2). Nesse mesmo livro, o caráter de reescrita da obra de Feyerabend salta aos olhos diante da escolha do editor, Bert Terpstra, dos 12 ensaios e artigos que complementam a obra e que “repetem” ou reescrevem o mesmo tema: “Enquanto Paul Feyerabend trabalhava no livro, escreveu também vários ensaios que tratavam dos mesmos assuntos de *A conquista da abundância*, ou de outros muito semelhantes.” (Feyerabend, 2006, p. 18). Ademais, o próprio Feyerabend costumava se referir a seus livros como colagens, que também podemos entender como reescritas. Na sua autobiografia, *Matando o tempo*, refere-se assim a *Contra o método* (Feyerabend, 1996, p. 147) e ao livro prometido para Grazia sobre a realidade, que viria a ser *A conquista da abundância* (Feyerabend, 1996, p. 178).

Além disso, Feyerabend tratou de questões variadas sobre a linguagem, incluindo a tradução tanto num sentido estrito de tradução entre línguas quanto num sentido mais amplo de tradução entre culturas. Tendo isso em vista, a hipótese aqui aventada é que essa experiência com tradução, autotradução e reescrita de si mesmo contribuiu para o encaminhamento que Feyerabend deu

às questões da linguagem e interação entre culturas e tradições, como se pode ver no uso recorrente do conceito de tradução na construção do seu pluralismo global¹, sobretudo no que diz respeito à incomensurabilidade. Para demonstrá-la, serão analisados os sentidos de tradução e a prática tradutória e de (re)escrita de Feyerabend que encontramos na sua obra e também nas cartas trocadas com Popper entre 1953 e 1958 e com Imre Lakatos (1922-1974) entre 1968 e 1974. Para começar, vejamos os livros que serão analisados.

1. Obra traduzida no Brasil e mais duas

Em ordem cronológica, o livro *Against method* foi o primeiro livro de Feyerabend, publicado originalmente em 1975 e traduzido no Brasil por Leonidas Hegenberg e Octanny S. da Motta. A editora carioca, Francisco Alves, levou *Contra o método* a público em 1977 pela primeira vez e depois se seguiram várias reedições brasileiras até que o livro saiu do catálogo. Uma segunda edição em inglês saiu em 1988, sem tradução por aqui, e uma terceira em 1993, que foi traduzida por Cezar Augusto Mortari e publicada em 2007 pela Editora da Unesp. As três edições feitas por Feyerabend já testemunham uma história de reescritas da obra pelo próprio autor, mas as cartas trocadas entre Feyerabend e Lakatos desde o início do projeto do livro, que era para ter sido composto por ambos, até a morte de Lakatos em 1974, revelam um trabalho incessante de reescrita desse texto, que pretendia ser fruto de um diálogo entre os dois amigos, colegas de filosofia da ciência e cúmplices no questionamento tanto do positivismo lógico quanto do falseacionismo de Popper.

O segundo livro de Feyerabend foi *Science in a free society*, publicado originalmente em 1978, mas que só aparece no Brasil em 2011, pela Editora da Unesp, em tradução de Vera Joscelyne. Seu título, *A ciência em uma sociedade livre*, evoca um dos temas mais caros à filosofia da ciência de Paul Feyerabend: a relação entre ciência e sociedade. Embora tenha rejeitado esse livro posteriormente (Feyerabend, 2006, p. 14), boa parte do seu conteúdo foi

¹ Tomo este termo de Luiz Henrique de Lacerda Abrahão (2015), que entende o pluralismo de Feyerabend como englobando suas quatro facetas - teórica, metodológica, cultural e ontológica -, que se desdobraram gradativamente na obra do autor.

reescrito na terceira edição de *Contra o método*, conforme aviso feito pelo autor no prefácio (Feyerabend, 2007, p. 8).

O terceiro livro escrito em inglês por Feyerabend foi *Farewell to reason*, uma compilação de ensaios publicada originalmente em 1987. Nessa compilação, Feyerabend explicita o caráter de reescrita de alguns capítulos, bem como de autotradução (alemão-inglês) de outros. A edição brasileira, *Adeus à razão*, saiu pela Editora da Unesp só em 2010 com a tradução de Vera Joscelyne.

Como já foi dito na introdução, o quarto livro de Feyerabend, *Conquest of abundance*, é póstumo e inacabado, mas foi cuidadosamente editado e publicado originalmente em 1999. Entre nós, a sua tradução, *A conquista da abundância*, de Cecilia Prada e Marcelo Rouanet, com a revisão técnica da saudosa professora Anna Carolina Regner, saiu em 2006 pela Editora Unisinos. O manuscrito de Feyerabend e os 12 artigos e ensaios relacionados que o acompanham tratam da questão do realismo, encaminhando-a pela sua permanente discussão com a tirania dos universais, que já se pode perceber no subtítulo: “Uma história da abstração *versus* a riqueza do ser”. Vale lembrar que esse tema já se encontra nos outros livros, mas que vai sendo amadurecido e reescrito ao longo do tempo, sendo aqui o foco da obra.

Há mais três livros de Feyerabend que interessam para a discussão aqui proposta e que foram publicados no Brasil. O primeiro é a já mencionada autobiografia, *Killing time*, cuja escrita final foi feita no hospital e publicada em inglês logo depois da sua morte em 1994. Traduzida por Raul Fiker, a autobiografia foi publicada pela Editora da Unesp em 1996 com o título *Matando o tempo*.

O segundo se chama *Diálogos sobre o conhecimento* e já é, por si só, uma longa história de tradução pois contém diálogos de livros originais diferentes em línguas diferentes (inglês e italiano): *Three dialogues on knowledge*, de 1991, e *Dialogo sul método*, de 1989. Para completar, ambos já continham reescrita e possível autotradução da edição alemã, “Über die Methode: ein Dialog”, publicada no volume 3 da revista *Unter dem Pflaster*

liegt der Strand, de 1976.² Na edição brasileira, publicada pela Editora Perspectiva em 2001, destaca-se também uma seção paratextual “Algumas observações da tradutora”, Gita K. Guinsburg, algo inédito até então.

O último livro de Feyerabend publicado no Brasil é *Ciência, um monstro - lições trentinas*, uma coletânea de quatro conferências ministradas em inglês na Universidade de Trento, na Itália, em 1992, traduzida por Rogério Bettoni e publicada em 2016 pela editora Autêntica. Essa edição foi muito enriquecida com os paratextos - prefácio, nota da edição brasileira e apêndices - do organizador, Luiz Henrique de Lacerda Abrahão. A transcrição das conferências chegou a ser revisada por Feyerabend em 1993, mas a sua publicação só apareceu pela primeira vez em italiano em 1996, quando o autor já tinha falecido, traduzida por Caterina Castellani e publicada pela Editora Laterza com o título *Ambiguità e armonia: lezione trentine*. Há também edições em espanhol, inglês e francês, cada uma com um título diferente.

Dois outros livros de Feyerabend são de interesse para este artigo, ambos em alemão, *Wissenschaft als Kunst* [Ciência como arte] e *Naturphilosophie* [Filosofia da natureza]. O primeiro foi publicado em 1984, entre *Science in a free society* e *Farewell to reason*, e conta com algumas partes traduzidas em inglês e italiano, e recentemente em português (Machado, 2017), e outras autotraduzidas e reescritas em outros livros, como veremos adiante.

O segundo nunca foi publicado em vida por Feyerabend, tendo sido engavetado no final dos anos 1970. Vale lembrar que ele escrevia esse livro em alemão ao mesmo tempo que escrevia *Contra o método* em inglês. Na introdução e nas notas editoriais dos organizadores, Helmut Heit e Eric Oberheim (Feyerabend, 2016b, p. vii-xxxii), encontramos informações importantes sobre a trajetória desse livro e questões tradutórias com as quais os editores se depararam, como veremos na próxima seção. Desengavetado, organizado e editado por Heit e Oberheim, o livro foi publicado em alemão em 2009 e já foi traduzido para o espanhol, francês e inglês.

² Agradeço ao Luiz Henrique de Lacerda Abrahão por me chamar a atenção para as fontes originais dos *Diálogos*.

2. Feyerabend tradutor

Feyerabend exerceu a profissão de tradutor ao longo dos anos 1950, logo depois do seu doutorado (1951) e até conseguir uma posição como professor universitário em Berkeley (1958). Depois continuou a traduzir e pensar a tradução, mas não mais profissionalmente, e sim como atividade habitual da vida acadêmica. Não foi feita uma análise da sua obra traduzida, e sim do seu contexto, dos próprios comentários do filósofo-tradutor e da sua recepção, mas é possível perceber que a prática tradutória de Feyerabend era extremamente livre e, no caso de citações, costumava ser feita de memória. Um exemplo disso se encontra explicitamente declarado em *Ciência, um monstro* (Feyerabend, 2016a, p. 54), logo depois de uma citação de autores helenísticos: “A propósito, não estou citando aqui literalmente, nem o texto de uma tradução. Estou me referindo, de memória, ao sentido e ao estilo.” Outro exemplo se vê a seguir.

Oficialmente, a principal tradução feita por Feyerabend, creditada, bem paga e registrada em dezenas de cartas trocadas com o autor, foi o que circula entre nós como *Sociedade aberta e seus inimigos*, de Popper (1974a, 1974b). Esse livro em dois volumes, escrito originalmente em inglês - *The open society and its enemies* -, foi publicado em 1945 pela Routledge em Londres. Traduzido para o alemão por Feyerabend entre 1953 e 1955, depois revisado por mais três anos, o livro recebeu o título de *Die offene Gesellschaft und ihre Feinde* e saiu em 1957 e 1958 pela editora Francke em Berna. Os direitos dessa obra se encontram, desde 1992, na editora Mohr Siebeck em Tübingen, e a tradução foi revista e editada pelo filósofo e historiador Hubert Kieseewetter.

A tradução de Feyerabend foi feita depois do seu pós-doutorado na London School of Economics sob supervisão de Popper, época em que estudaram juntos a teoria quântica (1951-1953). De volta a Viena, desempregado, Feyerabend teve que fazer traduções para sobreviver enquanto procurava emprego. Segundo Collodel e Oberheim (2020, p. 71, n. 6):

No outono de 1953, após o seu retorno do ano que passou no LSE com uma bolsa do British Council, Feyerabend empreendeu a tradução alemã do [*Open Society*] de Popper. Feyerabend completou o primeiro rascunho em janeiro de 1955, mas Popper não ficou entusiasmado com o resultado. Foram mais três anos de trabalho

meticuloso tanto de Feyerabend quanto de Popper antes de a versão final ser finalmente publicada.³

Embora tenha conseguido, com a ajuda de Popper, uma nova bolsa para a LSE, acabou se comprometendo com outras atividades em Viena e, também por questões pessoais, decidiu não voltar para Londres (Collodel; Oberheim, 2020, p. 97, 111). Em 1955, começou oficialmente sua carreira de professor de filosofia em Bristol, com recomendações de Popper entre outros. As dezenas de cartas trocadas na época testemunham esses três temas (teoria quântica, tradução e emprego), que se confundem e acabam produzindo ruído na relação de ambos. Na sua autobiografia, Feyerabend se recorda assim da sua tarefa tradutória:

Popper pediu-me para traduzir sua *Sociedade aberta* [...]. Traduzir Popper foi fácil. Datilografei a primeira versão numa máquina de escrever antediluviana, corrija-a algumas vezes e ditei a versão final para uma secretária. Não estando ainda familiar com as sutilezas da língua inglesa, e preferindo a paráfrase à tradução, desviei-me do original e Popper não ficou muito contente com o resultado (Feyerabend, 1996, p. 105).

Nessa mesma passagem autobiográfica, Feyerabend relata sua experiência como tradutor dos filósofos Martin Buber (1878-1965) e Arthur Pap (1921-1959) no mesmo período. O passo sobre Buber também ilustra bem o caráter livre das traduções feyerabendianas:

Encontrei-me com Buber no lobby de um hotel perto do Hyde Park Corner. “Devo traduzir mais para o conteúdo ou para o clima?”, perguntei, pois o conteúdo era um tanto elusivo. “Clima”, respondeu Buber. “Clima!” (Feyerabend, 1996, p. 103-104).

Feyerabend sempre se preocupou com a simplicidade nas suas traduções, nos seus textos autorais e também nas suas aulas, palestras e conferências. Ele não se seduzia pelo academicismo dos seus pares, pelo jargão dos especialistas e pelo pedantismo dos intelectuais. Mais do que uma questão de estilo, ele os considerava uma miséria política, criticando-os vivamente por afastar as

³ Todas as citações deste livro e de outros textos cujas traduções não estejam creditadas nas referências bibliográficas foram traduzidas por mim.

peças comuns não só das ciências, mas também da própria vivência numa sociedade livre. O papel dos especialistas na sociedade e dos leigos na ciência é uma questão que ele propõe, tratando disso em todos os seus livros. Ao tocar nesse ponto na sua autobiografia, ele agrega o problema que teve com os tradutores dos seus livros:

A exemplo de Nestroy e dos dadaístas, evitei maneiras acadêmicas de apresentar uma concepção, preferindo locuções comuns e a linguagem do mundo dos espetáculos e da literatura popular. (Isto criou problemas com tradutores. Educados para achar ideias claras por trás de termos enigmáticos e confundir ideias com lembranças congeladas de *slogans* profissionais, eles transformaram meu texto em um cemitério.) (Feyerabend, 1996, p. 152).

Voltando ao Feyerabend tradutor, há várias menções a sua atividade tradutória nas notas editoriais que acompanham o livro *Philosophy of nature* (Feyerabend, 2016b, p. xxx-xxxii). Para começar, encontram-se muitos anglicismos no uso do alemão por Feyerabend (*mehr abstrakt* em vez de *abstrakter*, por exemplo).⁴ Os editores também identificaram traduções (inglês-alemão) inexatas de citações ou feitas de memória, como já foi mencionado antes. Outro ponto sobre citações é que, frequentemente, em vez de usar as traduções alemãs existentes de suas fontes em outras línguas, Feyerabend fazia suas próprias traduções fornecendo as referências originais; às vezes ele usava edições em línguas diferentes da mesma obra (Lévi-Strauss, por exemplo), produzindo tradução de tradução, o que fez o resultado ficar diferente da edição padrão em alemão da obra (em alguns casos ele substituiu pela tradução alemã que Hans Naumann fez de Lévi-Strauss) - em ambos os casos, os editores optaram por manter as traduções de Feyerabend, que “refletem sua interpretação e são em geral suficientemente precisas” (Ibid., p. xxxi). O mesmo critério foi usado quando Feyerabend traduziu traduções inglesas de textos escritos originalmente em alemão (Lutero, por exemplo). Em relação às traduções das citações de textos gregos antigos, elas nem sempre foram encontradas pelos editores, sendo possível que Feyerabend tenha feito

⁴ Vale ressaltar que esse livro estava sendo escrito em alemão ao mesmo tempo que Feyerabend escrevia *Contra o método* em inglês, e que ele já vivia há quase duas décadas nos Estados Unidos. Isso sem falar da preferência dele por se expressar em inglês, como já foi mencionado antes.

suas próprias traduções do grego para o alemão ou traduzido de alguma tradução inglesa (ele teve excelentes notas em latim no ensino secundário, e estudou grego por conta própria nos anos 1960).

E já que falamos da relação de Feyerabend com a língua grega, vejamos uma passagem sobre a tradução do *Teeteto* de Platão no seu diálogo sobre o conhecimento, “Fantasia platônica” (Feyerabend, 2001, p. 35-36):

Dr. Cole - Bem, cedo ou tarde devíamos nos deparar com esse problema - nem todas as traduções são iguais.

Donald - Os tradutores não sabem grego?

Dr. Cole - Sim e não. O grego de Platão não é uma língua viva, então devemos nos basear em textos. E os autores empregam, amiúde, as mesmas palavras de modo diverso, razão pela qual temos não apenas dicionários de grego antigo, mas também dicionários especiais para Homero, Heródoto, Platão, Aristóteles e outros. Além do mais, temos de nos haver aqui com uma passagem matemática, e quem fala é um matemático. Os matemáticos utilizam, muitas vezes, num sentido técnico, palavras comuns, e nem sempre fica claro de que sentido se trata. *Dynamis*, a palavra traduzida como “raiz” no texto de vocês, significa de hábito potência, força: ocorre também na economia. Foi preciso bastante tempo para que os estudiosos descobrissem que aqui, muito provavelmente, ela denota um quadrado. Problemas como este surgiram em todos os trechos mais difíceis.

Donald - O que podemos fazer?

Dr. Cole - Aprender o grego.

Donald - Aprender o grego?

Dr. Cole - Bem, ou então estarmos prontos para descobrir que por mais aferrada que ela seja, trata-se apenas de uma informação muito expurgada daquilo que sucede “realmente”.

Nessa passagem, Feyerabend demonstra claramente uma reflexão sobre o problema da tradução, sobre como as traduções podem variar e sobre como elas normalmente são invisíveis. Na sequência, além disso, ainda temos um pequeno exemplo de discussão terminológica (Ibid., p. 39):

Donald - Por que você não se atém ao texto? Aqui se diz “da existência das coisas que são”.

Dr. Cole - Lembrem-se, essa é uma tradução! E, neste caso, o tradutor fez uma paráfrase...

Donald - Uma paráfrase?

Dr. Cole - Bem, não traduziu palavra por palavra, aquilo que em inglês teria soado um pouco grosseiro, mas encontrou um modo mais elegante para exprimir a coisa. Muitos tradutores o fazem; de tanto em tanto Platão usa longas descrições a fim de representar coisas para as quais alguns tradutores julgam ter à disposição um termo mais simples. Mas, com frequência, o próprio Platão não possuía o termo

justo, de modo que a tradução, além de ser precisamente uma paráfrase, resulta ser anacrônica. Por todos esses motivos devemos ser muito precavidos com frases como “Platão disse isto” ou “Platão disse aquilo”...

Charles - Mas Platão não é muito cauteloso. Protágoras fala do “homem” - suponho que se refira a todo ser humano.

Dr. Cole - Sim, em grego e em latim são palavras diferentes que indicam o ser humano - *anthropos* em grego, *homo* em latim - e para indicar um homem - *aner* em grego e *vir* em latim.

Ele retoma esse ponto da ambiguidade do bom e velho slogan sofista, *panton khrematon metron antrophos* [o homem é a medida de todas as coisas] ao qual Platão se refere no *Teeteto*, no primeiro capítulo de *Adeus à razão*, “Notas sobre o relativismo”:

A diferença influencia as traduções. No primeiro caso, a tradução deve usar termos precisos: por exemplo, deve deixar claro se *anthropos* significa um ser humano específico ou a humanidade em geral, ou um ser idealizado que pensa e avalia. No segundo caso, uma tradução não muito rigorosa e em aberto resolveria o problema. [...] Kahn (1966: 251f; 1973: 376) sugeriu, com argumentos plausíveis, a tradução “O homem mede aquilo que é de modo que seja assim etc.” (Feyerabend, 2010, p. 58).

Voltando à tradução do *Sociedade aberta*, vejamos um pouco da correspondência Popper-Feyerabend sobre o assunto nos anos em que a tradução e a revisão estavam sendo feitas, de 1953 a 1958. Antes, porém, vale ampliar um pouco o escopo temporal para termos o contexto dessa relação. Eles se conheceram em 1948 em Alpbach. Nessa época, Feyerabend ainda era um empirista obstinado, mas “estava curioso sobre Popper” (Feyerabend, 1996, p. 79). Em 1949 se reencontraram, tinham em comum o interesse pelas questões da física quântica. Defendida sua tese em 1951, Feyerabend foi para um pós-doutorado em Londres sob supervisão de Popper em 1952. Ao longo da década de 1950, Feyerabend trabalhou suas ideias sobre a filosofia da física quântica em diálogo com Popper e, no fim dos anos 1950, Feyerabend era conhecido como um filósofo da teoria quântica com ideias aparentemente diferentes das de seu mentor. Ainda há controvérsias sobre o nível de influência de Popper nas ideias de Feyerabend, mas nos anos 1960 eles vão se afastando gradativamente, e as críticas de Feyerabend a Popper vão aumentando de volume (Collodel; Oberheim, 2020, p. 10).

Os editores da coletânea de cartas, Matteo Collodel e Eric Oberheim (2020, p. 1), destacam na introdução alguns temas de interesse que aparecem nas cartas: as excentricidades da relação mentor-pupilo; momentos significativos do debate sobre os fundamentos da física quântica; a luta de Popper e seus seguidores para encontrar espaço próprio num ambiente dominado pela filosofia da linguagem (Reino Unido) e pelo empirismo lógico (EUA); traços da emergência gradual da “virada historiográfica” na filosofia da ciência; contexto de configuração institucional da filosofia analítica no pós-guerra e da relação entre academia e sociedade na Áustria, no Reino Unido e nos EUA.

Além disso, vale lembrar que das 188 cartas publicadas, a maioria é de Feyerabend para Popper, já que Feyerabend não guardava as correspondências que recebia. Apesar de ambos serem austríacos, poucas cartas foram escritas em alemão, mas há frequentes intervenções do alemão no inglês com o qual se comunicam. Boa parte (40%) é anterior a 1955, a maioria dessas de 1953 a 1955, quando Feyerabend já estava de volta a Viena e seguia dialogando criticamente com seu mentor sobre física quântica e sobre a tradução para o alemão do *Sociedade aberta*, entre outras coisas (Collodel; Oberheim, 2020, p. 11). Nas cartas desse período também se encontram referências a uma possível tradução do *Logik der Forschung*⁵ (Ibid., p. 70, 74, 121, 122, 123, 153), que acabou não acontecendo, e a outras traduções e reescritas Popper-Feyerabend (Ibid., p. 95, 96, 200).

Há uma carta que testemunha o esforço de Popper para ajudar Feyerabend nesse período de transição e o papel da tradução nessa relação: a carta de apresentação para a burocracia da LSE. Nessa carta destacam-se a tradução, a experiência de trabalho juntos e o conhecimento de várias outras línguas (latim, francês, dinamarquês e sueco, além do alemão e do inglês).

⁵ Livro de Popper (1975) que, no Brasil, circula como *A lógica da pesquisa científica*.

Figura 1 - Carta de Popper apresentando Feyerabend à LSE.

January 6th, 1953.

Dear Miss Evans,

Many thanks for your letter of January 5th.

Dr. Paul Feyerabend's qualifications for assisting me in my research work are unique. He has a thorough training not only in philosophy but also in theoretical physics and in mathematical logic. He has – very important for this job, I am afraid – a very good knowledge of my own work, some of which he has translated into German for a Swiss publisher. He has been studying under me on three occasions – two vacation courses and a full year at the L.S.E. (1952-1953) as a British Council scholar, when we worked together intensively.

In addition, he has another qualification which is important for this position – a knowledge of several languages. Apart from German and English, he knows Latin, French and Danish, and he has a working knowledge of Swedish.

I do not know of anybody who is half as well qualified for this particular position, and we even might be unable to fill it at all, should he be unable to come.

Yours sincerely,
(UNSIGNED)

Fonte: Collodel; Oberheim, 2020, p. 104.

A maioria das cartas desse período que abordam a tradução do *Sociedade aberta* revelam o caráter minucioso do tradutor. Nelas Feyerabend tira dúvidas terminológicas, lida com pormenores da tradução, define o tratamento das inumeráveis citações e sugere inclusões (Collodel; Oberheim, 2020, p. 83), bem como o título do livro (Ibid., p. 130, 148). Além disso, reclama que a tradução o ocupa integralmente e que não consegue fazer outras coisas (Ibid., p. 74), fala da vida pessoal, financeira e cultural, negocia o trabalho na LSE com Popper, que acabou rejeitando (Ibid., p. 97, 111, 117) e pede desculpas pelos atrasos e desapontamentos: “Eu espero que esse tempo de só lhe causar desapontamento acabe logo.” (Ibid., p. 212). Apesar de Feyerabend achar que Popper ia gostar do trabalho final (Ibid., p. 144), diz que não ficou chateado quando descobriu que não (Ibid., p. 222). No entanto, ao comentar uma outra revisão de tradução que faria, acabou declarando: “Nunca mais me envolvo nesse tipo de empreitada” (Ibid., p. 238). Em 1959, já em Berkeley, Feyerabend fala do sucesso das ideias de Popper por lá e do fim da revisão do volume 2 da tradução (Ibid., p. 315).

3. Autoria e tradução em Feyerabend

As cartas desse período contam uma história de construção da voz própria de Feyerabend como autor. Como temos visto, a atividade de tradução decerto faz parte dessa narrativa e acaba se misturando com ela, talvez porque seja disso mesmo que se trate a tradução, um tipo de autoria. Nesse caso, no entanto, temos um triste episódio de acusação de plágio que, a um(a) leitor(a) atual da obra de Feyerabend soa, no mínimo, estranha, tendo em vista a clara distinção das ideias dos dois autores. Há que se considerar também que Feyerabend não era apenas tradutor de Popper, era também seu aluno e interlocutor, ou seja, um grande conhecedor e colaborador da sua obra, como ele mesmo escreve na carta de recomendação que vimos acima (Collodel; Oberheim, 2020, p. 104). Mas vejamos o testemunho da correspondência entre eles.

As cartas de 1955 a 1958 representam 30% da coletânea que estamos analisando e refletem uma tensão crescente durante o trabalho de revisão da tradução do *Sociedade aberta*:

Ela alcançou um ápice devido à abordagem espirituosa de Feyerabend em relação a questões intelectuais, que bateu de frente com as idiosincrasias de Popper em relação à originalidade e prioridades intelectuais, dentre acusações de que Feyerabend estava plagiando o trabalho de Popper (Collodel; Oberheim, 2020, p. 12).

A maioria das cartas restantes já são de Berkeley e testemunham a rápida ascensão da carreira de Feyerabend, seus esforços para disseminar as ideias de Popper nos EUA e para desenvolver suas próprias ideias. A diminuição gradual da correspondência reflete a deterioração da relação (Ibid., p. 13), culminando com a derradeira e cordial carta de 1967 (Ibid., p. 419), na qual Feyerabend, como sempre, trata Popper com muito respeito e admiração, fala da crítica que fez a um artigo dele sobre teoria quântica e do interesse dos alunos pelo assunto. Aparentemente, a situação ficou muito complicada três anos antes, como testemunham quatro cartas.

A primeira (Collodel; Oberheim, 2020, p. 406-412), de Feyerabend para Popper em 1965, na qual ele reconhece que se excedeu um pouco ao afirmar

que Victor Kraft (1880-1975) antecipou Popper na crítica à indução e na abordagem hipotético-dedutiva. Ademais, ele justifica a menção que fez a uma máquina, supostamente descrita anos antes por Popper numa palestra da qual Feyerabend não se lembra, como oriunda de outra fonte. Ele está disposto, no entanto, a fazer os devidos reconhecimentos, caso isso realmente se confirme, em notas de rodapé no artigo que está escrevendo e onde mais Popper achar necessário. Feyerabend ainda acrescenta: “Eu não acho que tenha usado suas ideias conscientemente sem o devido crédito, embora possa tê-las ouvido, depois continuei pensando, voltando a elas indiretamente sem saber mais que era o caso” (Collodel; Oberheim, 2020, p. 412). Provavelmente, essa carta foi em resposta ao burburinho causado pela acusação que Popper fez em carta para o filósofo Hans Albert (1921-2023), em 1964, chamando Feyerabend de “neurótico” e “ladrão de ideias” (Ibid., p. 407-409).

Hans Albert responde colocando panos quentes, dizendo que não conhece Feyerabend muito bem, mas que provavelmente foi um problema de tempo e espaço, pois o artigo é curto, tem poucas citações, e que os textos de Popper aparecem na bibliografia. Ele faz uma digressão metodológica sobre estratégias de citações em vários outros autores, mas destaca que se lembra de Feyerabend sempre citando Popper, embora entenda que seja normal assimilarmos ideias de nossos pares e mentores de tal modo que tenhamos dificuldades de distinguir entre as nossas ideias e as deles. Sobre a questão de Kraft e Popper, ele concorda que Feyerabend exagerou e recomenda que alguém mais próximo converse com ele pessoalmente sobre essas questões (Ibid., p. 409-410).

Além do estranhamento já mencionado que atualmente podemos ter diante dessa acusação de Popper devido às diferenças óbvias entre os dois autores, ao ler os documentos surge também um constrangimento sobretudo por três motivos: o primeiro é pelo voyeurismo de ler cartas alheias, confidenciais, que não foram escritas para serem lidas pelo público, apenas pelo destinatário; o segundo é justamente o motivo evocado por Albert, ou seja, ao trabalharmos muito tempo junto com alguém, sobretudo na relação orientador-orientando, é natural a assimilação de ambas as partes. Mas, aparentemente, o orgulho de Popper - e este é o terceiro motivo de

constrangimento - se sobrepõe a esse fato tão corriqueiro do trabalho colaborativo: “eu tenho muitas ideias e posso deixar algumas para meus alunos” (Collodel; Oberheim, 2020, p. 407). Dito dessa forma, a interlocução com seus colaboradores é entendida não como uma troca mútua, mas como migalhas que ele deixa para trás. Nessa mesma carta ele menciona outro aluno seu, Joske Agassi (1927-2023), que teria feito “algo quase tão ruim” (Ibid., p. 408), e em carta posterior, trocada entre Feyerabend e Lakatos (1922-1974) em 1970, ficamos sabendo que Popper também acusara Imre Lakatos de plágio (Feyerabend; Lakatos, 1999, p. 189).

Essa recorrência parece demonstrar ou que vários dos seus alunos eram neuróticos e ladrões de ideias, e não só Feyerabend, ou, o que é mais provável, o seu orgulho ferido. É importante destacar que Popper entende que Feyerabend o está acusando de plágio, de não ser “realmente tão original” (Collodel; Oberheim, 2020, p. 407), de “ter roubado de Kraft!” (Ibid., p. 408). A isso ele reage arrogantemente: “eu não adotei essa ideia [método hipotético-dedutivo] de Kraft, eu mesmo a descobri [...], tenho certeza de que ele [Kraft] não negaria a minha originalidade” (Ibid.). Como se vê, a preocupação de Popper é de não ser reconhecido como um pensador original e, aparentemente, ele está projetando isso nos seus alunos.

Feyerabend, ao contrário, sempre demonstrou não se iludir com a noção de originalidade, como ele deixa bem claro no prefácio da terceira edição de *Contra o método*: “Nenhuma das ideias que subjazem à minha argumentação é nova. Minha interpretação do conhecimento científico, por exemplo, era uma trivialidade para físicos como Mach, Boltzmann, Einstein e Bohr.” (Feyerabend, 2007, p. 9). Na introdução de *Adeus à razão* temos um outro exemplo desse entendimento de que a originalidade é uma ilusão: “O capítulo 12, por fim, contém um resumo da ‘minha’ filosofia (que, é claro, não é minha, e sim uma condensação de ideias razoáveis do mundo inteiro) rodeado de respostas às críticas.” (Feyerabend, 2010, p. 25).

4. Autotradução, reescrita e a correspondência com Lakatos

Tendo em vista a sua fluência nas duas línguas, a sua atuação profissional como tradutor e a sua vivência em culturas anglófonas e germanófonas, a autotradução, tanto do inglês para o alemão quanto do alemão para o inglês, acaba sendo uma das atividades recorrentes na vida acadêmica de Feyerabend. Um exemplo dessa prática já aparece nos anos 1950: ele fez uma versão mais curta em alemão de seu artigo sobre a prova de Neumann para publicar na revista *Zeitschrift für Physik* (Collodel; Oberheim, 2020, p. 231). O original em inglês acabou não sendo publicado. Outra menção explícita à autotradução aparece na introdução de *Adeus à razão*:

O capítulo 12 [...] [f]oi escrito em alemão, para uma coleção de quarenta ensaios elogiando ou condenando meu trabalho, ou até mesmo bocejando por conta dele [...], e foi traduzido e reescrito para este volume. O capítulo deixa claro que minha preocupação não é nem a racionalidade, nem a ciência, nem a liberdade - abstrações como essas causaram mais mal do que bem - e sim a qualidade das vidas dos indivíduos. (Feyerabend, 2010, p. 25)

No início do capítulo 12, ele entra em mais detalhes sobre essa autotradução e ainda nos revela a diferença das edições alemãs de *Against method* e *Science in a free society*. No entanto não fica claro, e ainda não consegui apurar, se ele mesmo fez essas traduções reescrevendo os originais ou se reescreveu os livros em inglês e eles foram traduzidos por terceiros:

A versão alemã deste ensaio baseou-se na terceira edição alemã de *Against Method* (abreviado para AM), que difere das edições inglesa, francesa, japonesa e portuguesa e foi publicada em 1986. *Erkenntnis Für freie Menschen* (abreviado para EFM) é a edição alemã de *Science in a Free Society* (SFS), que foi em grande parte reescrita. (Feyerabend, 2010, p. 333).

Há também autotraduções não explícitas, como se pode perceber nos capítulos 4 e 5 de *Farewell to Reason* (Feyerabend, 1987), respectivamente, “Creativity” e “Progress in Philosophy, the Sciences and the Arts”, que traduzem e reescrevem em inglês o que ele publicou nos capítulos 2 e 3 de

Wissenschaft als Kunst (Feyerabend, 1984), “Fortschritt ins Kunst, Philosophie und Wissenschaft” e “Kreativität: Grundlage der Wissenschaften und der Künste oder leeres Gerede?”.

Além das autotraduções, que, em si, já constituem reescritas, destaca-se, como já dito antes, o trabalho constante de Feyerabend sobre seus textos, revisando-os e reescrevendo-os. Na sua autobiografia, ele destaca o prazer que desenvolveu pela escrita: “escrever tornou-se uma atividade muito agradável - quase como compor uma obra de arte” (Feyerabend, 1996, p. 178). Vejamos agora a história de reescritas de sua obra mais emblemática.

O prefácio de *Contra o método* informa que o livro era um projeto conjunto de Lakatos e Feyerabend, tratava-se de uma longa e perversa carta a Lakatos, que responderia ainda mais ferinamente. A morte precoce de Lakatos em 1974 impediu que o plano original se efetivasse, mas no fim dos anos 1990, numa tentativa de suprir essa lacuna, Matteo Motterlini editou e escreveu a introdução de *For and against method* (Feyerabend; Lakatos, 1999), um livro que contém os últimos textos de Lakatos sobre o assunto e a correspondência entre Lakatos e Feyerabend, testemunhando a grande amizade, o trabalho conjunto e o divertimento que compartilhavam ao argumentar e contra-argumentar um com o outro.

Como já vimos, Feyerabend não mantinha um arquivo de cartas, mas Lakatos sim, então poucas cartas de Lakatos sobreviveram, quase todas dessa coletânea são de Feyerabend. Com essa correspondência entendemos definitivamente a que Feyerabend se refere quando fala que *Contra o método* (CM) é uma longa carta a um amigo. As cartas trocadas entre 1968 e 1974 revelam essa longa conversa sobre CM, com muitas idas e vindas, escritas e reescritas (Feyerabend; Lakatos, 1999, p. 181). Junte-se a isso o difícil processo de publicação devido a problemas com a editora New Left, que mudou o estilo, produzindo muito retrabalho, uma verdadeira odisseia para restaurar o original (Ibid., p. 294). Trata-se de uma reescrita muito além do que já se sabia por conta das três edições e do ensaio homônimo que antecedeu a primeira edição do livro.

Nessas cartas ficamos sabendo de uma tradução que Feyerabend estava fazendo do *Tratado da esfera* de Galileu (Feyerabend; Lakatos, 1999, p. 130),

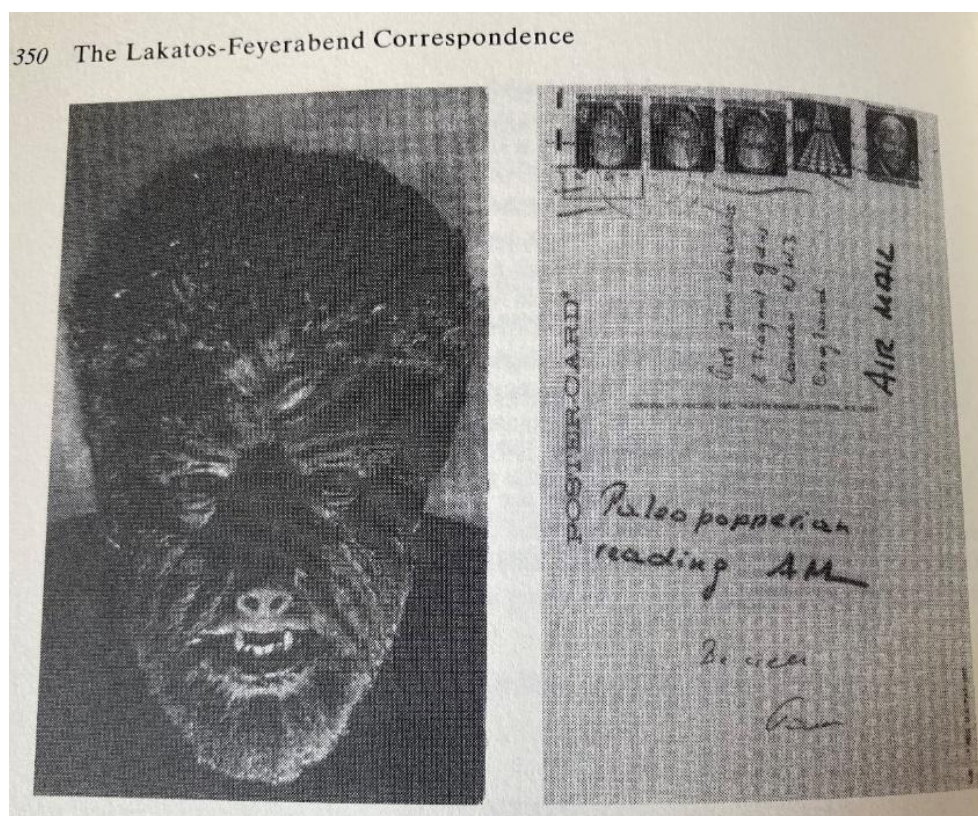
de uma possível tradução para o alemão de CM pela Suhrkamp (Ibid., p. 219, 226) e da tradução para o alemão que Feyerabend fez de pelo menos um artigo de Lakatos, “History of Science and its rational reconstructions” (Ibid., p. 259, 272, 286, 288). Em carta de 1972, Feyerabend revela a Lakatos que prometeu aos seus alunos alemães uma “tradução impecável” (Feyerabend; Lakatos, 1999, p. 300) do *Criticism and the growth of knowledge*, livro de referência na filosofia da ciência e que circula entre nós como *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*, na tradução de Octavio Cajado (Lakatos; Musgrave, 1979). A tradução alemã, *Kritik und Erkenntnisfortschritt*, acabou saindo em 1974, após a morte de Lakatos, e é creditada a Feyerabend e ao historiador Árpád Szabó (1913-2001). Promessa cumprida.

Ambos foram alunos de Popper, então era natural que falassem dele em sua correspondência. Em carta de 1968, Feyerabend diz que não vai participar do evento em homenagem aos 70 anos de Popper, e fala sobre o “uniforme” popperiano do qual pretende se livrar: “eu vou virar um antipopperiano assim que os popperianos forem aceitos como ‘razoáveis’ [...] eu vou virar um antipopperiano (i.e. irracionalista) muito em breve” (Feyerabend; Lakatos, 1999, p. 147-8). No final desse mesmo ano, vemos uma menção ao caso de plágio, agora Popper reclama da semelhança entre o ensaio de Feyerabend que antecedeu CM e o apêndice do segundo volume do *Sociedade aberta*. Conforme o prometido em carta já mencionada (Collodel; Oberheim, 2020, p. 406-412), Feyerabend diz que incluiu essa referência (Feyerabend; Lakatos, 1999, p. 155). Mas a melhor e mais divertida passagem sobre Popper, e que também envolve tradução, se encontra numa carta de 1972 na qual Feyerabend diz que estava sendo cogitado para a seção Islã de uma conferência na Finlândia:

É claro que isso tem tudo a ver com o fato de eu ser o maior especialista naquele grande acadêmico islâmico *Lak-el-tussi* e no grande tirano *Al Poppuni*, e de estar no momento traduzindo o livro desse último sobre “O terceiro céu, uma explicação comovente”, ou qualquer que seja a tradução do título, que é um tanto complicado. (Ibid., p. 307).

Ainda um último gracejo popperiano na correspondência Lakatos-Feyerabend:

Figura 2 - Cartão de Feyerabend para Lakatos: “Paleopopperiano lendo CM”.



Fonte: Feyerabend; Lakatos, 1999, p. 350.

5. Incomensurabilidade e sentidos de tradução

Nesta seção veremos alguns sentidos de tradução que aparecem nos livros de Feyerabend sobretudo no que diz respeito à incomensurabilidade. Antes, no entanto, vale lembrar um trecho da terceira edição de *Contra o método* em que ele destaca a influência de Elizabeth Anscombe (1919-2001) e Ludwig Wittgenstein (1889-1951) na sua formulação inicial da incomensurabilidade. Curiosamente, trata-se de um encontro que aconteceu graças à tradução:

Durante uma conferência (sobre Descartes) que ministrei na Austrian College Society, fiquei conhecendo Elizabeth Anscombe, uma prestigiosa e, para algumas pessoas, intimidante filósofa britânica que tinha vindo a Viena aprender alemão para sua tradução das obras de Wittgenstein. Ela me deu manuscritos dos escritos mais recentes de Wittgenstein e discutiu-os comigo. As discussões estenderam-se por meses e, ocasionalmente, começavam de manhã e prosseguiam

durante o almoço e até tarde da noite. Tiveram uma profunda influência sobre mim [...], Anscombe, por uma série de questões habilidosas, fez-me ver como nossa concepção (e mesmo nossas percepções) de fatos bem-definidos e aparentemente autocontidos pode depender de circunstâncias não aparentes neles. (Feyerabend, 2007, p. 347)

A influência de Wittgenstein é marcante não só na nova filosofia da ciência de Kuhn, Lakatos e Feyerabend, mas também nos estudos da linguagem e da tradução. O conceito de “tradução cultural”, que aparece na antropologia dos anos 1960 e 1970 “para descrever o que ocorre em encontros culturais quando cada lado tenta compreender as ações do outro” (Burke, 2009, p. 14), e que subjaz a muitas considerações de Feyerabend, está alinhado diretamente com os “jogos de linguagem” de Wittgenstein.

A “expressão *jogo* de linguagem deve aqui realçar o facto de que falar uma língua é uma parte de uma actividade ou de uma forma de vida” (Wittgenstein, 1987, p. 189). Temos, portanto, uma concepção de linguagem não essencialista, ou seja, o real não é um mundo de objetos preexistente sobre o qual “fala” a linguagem. Pelo contrário, a realidade é algo que sempre existe, mas em relação com o falante e com as atividades nas quais se insere, ou seja, a verdade está no contingente, não há “fora”, não há existência metafísica, não há correspondência com realidade única. Dessa maneira, o significado pode mudar conforme as atividades: “chamarei também ao todo formado pela linguagem com as actividades com as quais está entrelaçada o jogo de linguagem” (Ibid., p. 177). Nesse sentido, a linguagem nem sempre é um sistema de comunicação (Ibid., p. 174), dado que, em certos domínios, operamos com palavras de maneiras singulares. Nesses casos, o significado independe da palavra, sendo mais tributário de uma prática e da existência de um falante e de um ouvinte do que de um objeto, ou seja, o significado deixa de ser determinado por uma relação externa, da linguagem com a realidade, e passa a ser determinado por uma relação interna, da linguagem com as atividades que lhe concernem.

Rompe-se, portanto, a dualidade linguagem/realidade que subjaz à tese semântica tradicional de univocidade do significado, por meio da qual o significado está no objeto. A ela, Wittgenstein contrapõe a sua concepção pragmática, na qual o significado está no uso. De fato, do ponto de vista

pragmático, não faz sentido perguntar sobre a relação entre o real e a linguagem, considerando-se que estão entrelaçados. Não há conteúdos proposicionais separados, e a pergunta “a que este signo se refere?”, que decorre da abstração da separação sintaxe-semântica-pragmática, será sempre equivocada. A repercussão de uma tal concepção de linguagem é imediata na concepção de tradução, cujos sentidos serão determinados pela sua circunstância.

Em 1972 e 1973 encontramos algumas cartas de Feyerabend para Lakatos mencionando o conceito de “tradução radical” do filósofo W. V. O. Quine (1908-2000), que, apesar de lhe parecer “cada vez mais misterioso” (Feyerabend; Lakatos, 1999, p. 302), estava sendo muito discutido em Berkeley na época. A discussão girava em torno da “indeterminação da tradução” no caso de encontro entre culturas diferentes com línguas não relacionadas. Para Quine, dois linguistas poderiam traduzir diferentemente o mesmo termo da outra língua-cultura, e não se teria como determinar a tradução correta, ambas seriam igualmente adequadas. Aparentemente, ele extrapola essa indeterminação a qualquer tradução, preconizando um certo tipo de relativismo (Quine, 1960). Algumas pessoas achavam que Feyerabend o antecipara nos anos 1950 (Feyerabend; Lakatos, 1999, p. 334) e, depois de finalmente entender do que se tratava (Ibid., p. 339), ele acaba concordando (Ibid., p. 362), ainda que não veja nenhuma vantagem nisso dada a trivialidade do conceito:

Talvez alguns filósofos desejem relacionar a incomensurabilidade com as questões provocadas pelo que foi denominado “tradução radical”. Tanto quanto me é dado perceber, isso não traz qualquer vantagem. A tradução radical é uma trivialidade lançada sobre uma descoberta filosófica importante: nem o comportamento nem dados de observação de tipo mais subjetivo poderão jamais determinar as interpretações [...]. Além disso, *nosso* problema é de fato histórico e não de possibilidade lógica (Feyerabend, 1989, p. 444-445).

Essa passagem se encontra na primeira edição de *Contra o método*, no apêndice 5. Na terceira edição, parte do conteúdo do apêndice 5 da primeira edição, que trata de relativismo linguístico e incomensurabilidade, aparece no apêndice 2, e aqui ele não faz mais essa menção à tradução radical, mas a

discussão sobre o relativismo linguístico e a incomensurabilidade se expande mais. Sua ênfase agora é no caráter prático da ciência, não apenas teórico, formal e linguístico, fazendo uma aproximação entre o trabalho experimental e o trabalho artístico (Feyerabend, 2007, p. 285). Pouco antes, Feyerabend fala novamente em tradução para explicar a comparação de uma visão antiga com uma nova em sua concepção de incomensurabilidade:

Do que foi dito, depreende-se, obviamente, que não podemos comparar os *conteúdos* de A e de B. Fatos-A e fatos-B não podem ser colocados lado a lado, nem mesmo na memória: apresentar fatos-B significa suspender princípios admitidos na construção de fatos-A. Tudo o que podemos fazer é desenhar imagens-B de fatos-A em B, ou introduzir enunciados-B de fatos-A em B. Não podemos empregar enunciados-A de fatos-A em B. Tampouco é possível *traduzir* a linguagem A na linguagem B. Isso não significa que não possamos *discutir* as duas visões - mas a discussão levará a modificações consideráveis de ambas as visões (e das linguagens em que são expressas) (Ibid., p. 281).

Na primeira edição, Feyerabend (1989, p. 399-400) ainda acrescenta mais um trecho em que se refere à tradução quando fala sobre a característica histórico-antropológica da incomensurabilidade:

No entretanto, tornou-se claro que dicionários e traduções são meios inadequados de apresentar os conceitos de uma linguagem que não está intimamente relacionada com a nossa ou de introduzir ideias que não se afeiçoem aos modos ocidentais de pensar. [...] Retornando do estudo de campo às concepções e à sua própria linguagem, como, por exemplo, o inglês, o antropologista frequentemente se dá conta de que uma tradução direta é impossível e que suas concepções e as concepções da cultura a que ele pertence são incomensuráveis com as ideias “primitivas” que ele começou a compreender (e talvez haja superposição em algumas partes e incomensurabilidade quanto a outras). Naturalmente que ele desejará fazer uma exposição daquelas ideias em inglês, mas só terá como realizar esse propósito se estiver preparado para usar termos comuns de modo estranho e novo.

Em *Adeus à razão*, no capítulo, “Hilary Putnam sobre a incomensurabilidade”, a tradução é usada como arma de guerra. Feyerabend (2010, p. 315-318) se contrapõe à versão de Putnam da incomensurabilidade, que é exclusivamente sintático-semântica (equações semânticas, essencialismo, coerência lógica, intraduzibilidade), enquanto, como já

mencionamos antes, Feyerabend propõe uma versão pragmática (paisagens semânticas, incomensuráveis se relacionam, analogias e metáforas garantem transição), afinal, a língua é viva e “o sentido está no uso”. Vale lembrar que, para Feyerabend, a incomensurabilidade é rara, não se trata de divergência de significado, e isso é problema para filósofos que “insistem na estabilidade de significado” (Feyerabend, 2010, p. 323), não para cientistas “especialistas na arte de argumentar” (Ibid.).

Segundo Putnam, “[i] a compreensão de conceitos estrangeiros (culturas estrangeiras) exige tradução [ii] uma tradução bem-sucedida não muda a linguagem traduzida” (Ibid., p. 316). Para Feyerabend, no entanto:

Nem [i] nem [ii] estão corretas. Podemos aprender um idioma ou uma cultura do começo, como uma criança as aprende [...]. E nós podemos mudar nossa língua nativa para que ela se torne capaz de expressar noções estrangeiras (traduções bem-sucedidas sempre mudam o meio em que ocorrem: as únicas línguas que satisfazem [ii] são as linguagens formais e as de turistas). (Ibid., p. 316)

Ele complementa:

Traduzir uma língua em outra língua é, de muitas maneiras, como construir uma teoria científica; nos dois casos precisamos encontrar conceitos adequados à “linguagem dos fenômenos”. Nas ciências naturais, os fenômenos são os de natureza inanimada. Ninguém duvida que seja difícil dar uma explicação geral desses fenômenos e que, talvez, seja preciso revisar os termos com os quais começamos e que precisamos revisá-los ainda mais quando surgem novos fenômenos. No caso da tradução, os fenômenos são as ideias implícitas em outra língua. Essas ideias se desenvolveram em ambientes geográficos diferentes e muitas vezes desconhecidos e sob circunstâncias sociais também diferentes e desconhecidas, e passaram por inúmeras mudanças, intencionais ou não (a influência de outras línguas, deterioração, licença poética etc.). O item [ii] de Putnam presume que todos os idiomas contêm tudo que é necessário para lidar com todas essas eventualidades. [...] Só há duas maneiras em que uma premissa assim poderia ter sucesso: apriorismo ou harmonia preestabelecida. Sendo um empirista, rejeito ambas (Ibid., p. 317).

Ainda em *Adeus à razão*, na seção 3, “Formas de conhecimento”, do capítulo 3, “O conhecimento e o papel das teorias”, Feyerabend destaca o papel das listas e classificações na produção científica, especialmente as

produzidas por e para tradutores. Afinal, seria inimaginável qualquer área do conhecimento sem suas terminologias, suas nomenclaturas, seus glossários.

O conhecimento ordena os eventos. Formas diferentes de conhecimento geram esquemas diferentes de ordenação. As listas desempenharam um papel importante no desenvolvimento do conhecimento (sumeriano, babilônico, assírio, grego antigo) do Oriente Próximo [...]. Listas de palavras eram reunidas por intérpretes que relacionavam linguagens do Oriente Próximo ao acadiano, a linguagem (diplomática) comum da região. Reunindo as palavras sob seu determinativo apropriado (um sinal classificatório da escrita cuneiforme), eles conseguiam classificações simples das coisas correspondentes: uma forma antiga da ciência foi criada totalmente para a conveniência dos tradutores. (Feyerabend, 2010, p. 136)

Para finalizar, em seu último livro, *Conquista da abundância*, que, como já foi dito, é uma obra inacabada e editada postumamente, temos mais um excelente exemplo de reescrita, posto que, além do manuscrito do livro, o editor incluiu outros textos relacionados, alguns já publicados, outros inéditos. Ao ler o livro testemunhamos as idas e vindas de Feyerabend com o tema da realidade, os vários escritos que ele preparara ao mesmo tempo que o livro ou pouco antes sobre o mesmo assunto. No prefácio, Grazia Borrini-Feyerabend menciona a interação entre filtros sensoriais/culturais e a realidade, os intermediários necessários que “podem ser vividos, estudados e apreciados” (Feyerabend, 2006, p. 4-15). Esses filtros, os intermediários da interação, podem ser entendidos tanto como a já mencionada tradução cultural quanto no sentido mais estrito de tradução entre línguas diferentes ou até na mesma língua. No trecho final do penúltimo ensaio do livro, Feyerabend (2006, p. 353-354) sintetiza bem isso:

Não pode haver entendimento sem contato. O contato modifica as partes interessadas. Os que não querem mudar [...] e os que, além disso, temem causar mudanças em outros [...], se encontrarão em um mundo artificial que é perfeitamente descrito pelos “princípios filosóficos da incomensurabilidade e da indeterminação da tradução”.

Considerações finais

Ainda há muito o que se investigar sobre os sentidos de tradução em Feyerabend, e a relação entre a sua atuação como tradutor e as suas ideias pluralistas na filosofia da ciência. Mesmo assim parece bem encaminhada a hipótese aqui proposta de que a sua prática tradutória contribuiu para o tratamento que ele deu às questões da linguagem e da interação entre culturas e tradições, inclusive das tradições científicas.

Tivemos a oportunidade aqui de revisitar a obra de Feyerabend observando as suas menções à tradução tanto no sentido estrito de traduzir de uma língua para a outra quanto num sentido mais amplo, que chamamos aqui de tradução cultural. Vimos, com base na autobiografia, na correspondência e na obra publicada de Feyerabend, a sua atividade como tradutor e autotradutor, e como isso marcou a sua escrita autoral. Decerto caberia aqui um aprofundamento maior tanto em questões científicas, como a física quântica ou a teoria política, por exemplo, que foram objetos de tradução por Feyerabend, quanto em questões mais específicas dos estudos da tradução, como análise de corpus e análise documental do Arquivo Feyerabend para preencher algumas lacunas que aqui se encontraram e, talvez, produzir novas perguntas de pesquisa.

Com base na análise da obra e da correspondência publicada de Feyerabend, ficou evidente o uso recorrente do conceito de tradução na construção do seu pluralismo global, sobretudo no que diz respeito à incomensurabilidade. Está claro que o autor construiu suas ideias sobre ciência, método, sociedade, razão e realidade lidando constantemente com a noção de interação. Em *Ciência em uma sociedade livre*, ele chega a formular 10 teses do interacionismo, que depois retoma na última edição de *Contra o método*. A interação, na prática humana, demanda linguagem, tradução e boa vontade. Isso acontece na vida real, no cotidiano das pessoas e em todas as atividades sociais, como é o caso, por exemplo, das ciências.

Referências

- ABRAHÃO, L. **O pluralismo global de Paul Feyerabend**. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2015.
- BURKE, P. Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna. In: BURKE, P; HSIA, R. P. (orgs.). **A tradução cultural**. Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 13-46.
- COLLODEL, M.; OBERHEIM, E. (eds.) **Feyerabend's formative years**. Volume 1. Feyerabend and Popper. Correspondence and unpublished papers. Cham, Suíça: Springer, 2020 (Vienna Circle Institute Library).
- ECO, U. **Quase a mesma coisa**. Tradução de Eliana Aguiar. Revisão técnica de Raffaella Quental. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.
- FEYERABEND, P. **Ciência, um monstro** - lições trentinas. Edição, revisão técnica e notas de Luiz Henrique Abrahão. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016a.
- FEYERABEND, P. **Philosophy of nature**. Tradução de Dorothea Lotter e Andrew Cross. Cambridge: Polity Press, 2016b.
- FEYERABEND, P. **Wissenschaft als kunst**. Frankfurt am Main: Editora Suhrkamp, 2013 [1984].
- FEYERABEND, P. **A ciência em uma sociedade livre**. Tradução de Vera Joscelyne. São Paulo: Unesp, 2011.
- FEYERABEND, P. **Adeus à razão**. Tradução de Vera Joscelyne. São Paulo: Unesp, 2010.
- FEYERABEND, P. **Contra o método**. 3ª. edição. Tradução de Cezar Augusto Mortari. São Paulo: Editora Unesp, 2007.
- FEYERABEND, P. **A conquista da abundância**. Tradução de Cecilia Prada e Marcelo Rouanet. São Leopoldo/RS: Editora Unisinos, 2006.
- FEYERABEND, P. **Diálogos sobre o conhecimento**. Tradução de Gita K. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- FEYERABEND, P. **Matando o tempo: uma autobiografia**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1996.
- FEYERABEND, P. **Farewell to Reason**. Londres/NY: Editora Verso, 1987.
- FEYERABEND, P. **Contra o método**. 1ª. edição. Tradução de Octanny da Motta e Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1977.
- FEYERABEND, P.; LAKATOS, I. **For and against method**. Including Lakatos's lectures in scientific method and the Lakatos-Feyerabend correspondence. Edição e introdução de Matteo Motterlini. Chicago-Londres: The University of Chicago Press, 1999.

- LAKATOS, I; MUSGRAVE, A. (orgs.). **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. Tradução de Otavio Cajado. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1979.
- MACHADO, C. Tradução da introdução do livro *Wissenschaft als Kunst* de Paul Feyerabend. **Em Construção**, ano 1, n. 1, p. 152-156, 2017.
- MACHADO, C. **O papel da tradução na transmissão da ciência: o caso do *Tetrabiblos* de Ptolomeu**. Rio de Janeiro: Editora MauadX, 2012.
- POPPER, K. R. **A lógica da pesquisa científica**. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.
- POPPER, K. R. **A sociedade aberta e seus inimigos**. Volume 1. Tradução de Milton Amado. Belo Horizonte/São Paulo: Editora Itatiaia/Editora da USP, 1974a.
- POPPER, K. R. **A sociedade aberta e seus inimigos**. Volume 2. Tradução de Milton Amado. Belo Horizonte/São Paulo: Editora Itatiaia/Editora da USP, 1974b.
- QUINE, W. **Word and object**. Cambridge: MIT Press, 1960.
- VENUTI, L. **The translator's invisibility: a history of translation**. London/New York: Routledge, 1995.
- WITTGENSTEIN, L. **Tratado lógico-filosófico/Investigações filosóficas**. Tradução de M.S. Lourenço. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1987.